

Veículo: JB

Data: 27/9/98

Página: 56,7

Coluna/Caderno: Revista de Domínios

MUSEU
da REPÚBLICA
Palácio do Catete - Rio de Janeiro
IPHAN - MINISTÉRIO DA CULTURA

ZELITO VIANA ENTREVISTA SIRIDIWÊ, xavante

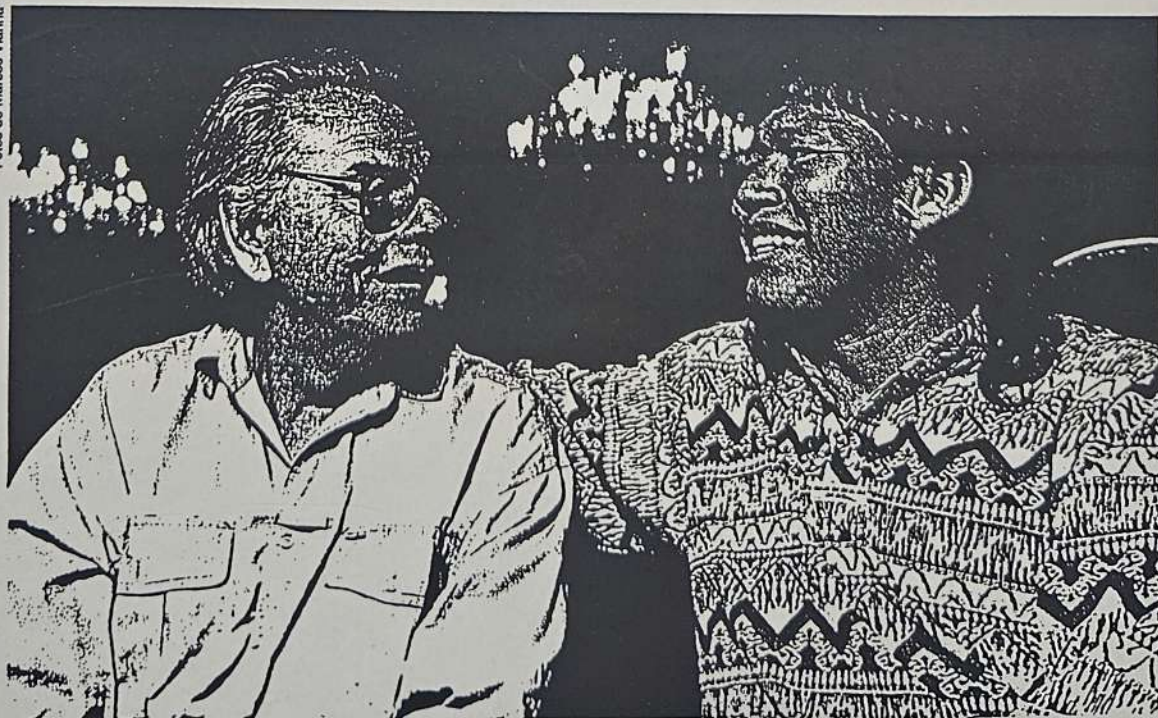
Contatos da aldeia

No meio da conversa, enquanto ouvia as precisas colocações daquele jovem guerreiro xavante que, a mando de seus mais velhos, foi com outros sete estudar em Ribeirão Preto, com o objetivo específico de voltar e defender sua gente do insistente e violento ataque da chamada "sociedade envolvente", me dei conta de que estava naquele cenário rococó, cheio de dourados e sedas que tinham a cara e o jeito de Clóvis Bornay. De repente, os salões majestosos do Palácio do Catete, diante da conversa do Siridiwê, careciam de toda a sua verdade, ou seja, nenhuma. Tudo ali era mentira, assim como foi, e continua sendo, a nossa sociedade que tudo macaqueia e que vive do fingimento. Nós fingimos que somos europeus e diariamente fin-

gimos que não vemos as crianças e os mendigos no sinal luminoso. Pelo menos isso nós bem que poderíamos aprender com essas sociedades que os idiotas chamam de primitivas e selvagens e que felizmente insistem em permanecer vivas em nosso país. Como mostra o evento *Xavantes - 50 anos de contato*, em cartaz no Museu da República até dia 18 de outubro. Deveríamos ter imenso orgulho da nação indígena e tratá-la com o devido respeito e admiração. Espero que vocês se toquem com as palavras de Siridiwê. Como dizia o velho Darcy Ribeiro, ninguém visita uma aldeia impunemente.

Zelito Viana,
60 anos, cineasta, esteve em reservas indígenas do Mato Grosso em 1979, quando filmou *Terra dos Índios*

Fotos de Marcos Vianna



Quantas reservas xavantes existem?

Sete. Pimentel Barbosa, Couto Magalhães, Parabubure, Areões, São Marcos, Sangradouro e Marechal Rondon. Um total de 55 aldeias e uma população de 9 mil xavantes. Em Pimentel Barbosa, vivem 400 pessoas.

Por que vocês não conseguem unir os territórios dos xavantes? A Pimentel Barbosa é aqui, a Couto Magalhães é ali...

É impossível. De Pimentel Barbosa para Couto Magalhães são 700 km. Entre São Marcos e Sangradouro são 800 quilômetros.

E Pimentel Barbosa está crescendo? Tem muita criança?

Tem. As crianças estão crescendo. A gente levou 20 anos para ter esse sucesso, porque na década de 80 predominava a mortalidade.

Como está de comida?

Em fartura. Pimentel Barbosa é a que tem mais alimentos.

Vocês plantam o quê?

Arroz, batata, mamão... No Rio das Mortes dá peixe.

Vocês recebem auxílio da Funai?

Na década de 80 houve o lado de equipamento. A Funai dava alguma coisa. Hoje não. Vivemos da divulgação da nossa cultura, do artesanato, dos direitos autorais do CD, do livro, do documentário (que estão sendo apresentados no Museu da República).

E onde vocês vendem o artesanato? Em Cuiabá?

Quase sempre em São Paulo e no Rio. A Pimentel Barbosa está fazendo sua própria divulgação. O Núcleo de Cultura Indígena está auxiliando, numa parceria bonita.

Onde você estudou para falar esse português bonito?

Os mais velhos perceberam que isso poderia acabar com a dependência externa. Os velhos pensaram isso para que os novos pudessem sair. Então, oito de nós foram para Ribeirão Preto, em épocas diferentes. São esses oito que mantêm o intercâmbio cultural. Nós decidimos a estratégia. É diferente da época da Funai.

Vocês tiveram muita influência religiosa?

Na década de 40, os missionários se instalaram primeiro. Houve essa aproximação. Pimentel Barbosa é a única que não tem nem padre nem seita. Teve esse sucesso, sabendo que os salesianos tinham o domínio das outras reservas. Por muito tempo, eles usaram os outros xavantes para se aproximar da gente, só que a gente soube disso e hoje temos essa barreira. Aos demais, influenciou muito. Antes dos rituais, tinha que rezar. Houve essa, diria assim, destruição. Em Couto Magalhães tem até disputa de seitas religiosas. É lamentável. Vocês eram índios bravos. Você lembra do seu pai dizer que tinha medo de alguma tribo mais



"Vocês eram índios bravos. Você lembra do seu pai dizer que tinha medo de alguma tribo mais brava do que a de vocês?"

Zelito Viana

brava do que vocês?

Não. Não tem.

Olha lá, hein. O Aniceto (líder da reserva de São Marcos) me disse uma vez que era o Txicão, tribo de anões do Mato Grosso.

Não, não. O xavante fazia o conflito internamente, que preparava a gente. Então na expansão para a terra fértil a gente ia e o que viesse na frente... era guerra mesmo! O xavante era bom de terra. Se entrasse no mato cerrado, para ele era fichinha.

Vocês têm escolas dentro da aldeia?

Tá começando. E mantendo a língua da gente. Há muitos sotaques diferentes de aldeia para aldeia. Por causa da influência da religião.

Existem palavras diferentes?

Totalmente. Não chega ao ponto de não entender, só é estranho.

Mas vocês estão ensinando português para as crianças?

E, tem esse problema. Tá tendo, eu diria, alfabetização. Aprender 1,2,3... A,B,C,D. Mas em primeiro lugar está a nossa língua. É através dela que a gente vai escrever os mitos.

Ainda há velhos que sabem as histórias?

Os cinco responsáveis pelo livro (que conta a história dos xavantes) são um exemplo.

O que eles contam do 1º contato com o branco?

O mais bonito é o que meu tio Serezabdi fala. Ele era rapaz e acompanhava os mais velhos, que vigiavam o território. Ele não imaginava como era o branco. Aí, quando ele viu... Nossa! Pensou que o branco fosse um bicho. É um contraponto, porque aqui na cidade também se fala que o branco acha que o índio é um bicho. Os xavantes deviam acreditar que estavam pacificando os brancos, né?

O livro fala isso. Os nossos mais velhos foram buscar a aproximação de forma sincera. Só que do outro lado a atitude era de ambição mesmo.

O branco é muito bravo, não gosta de ser pacificado. Mas aí é que tá. Esse é o passado. Agora é não confiar. Você se dá com o coração e leva rasteira. Cada um tem sua formação.

Você faz parte de alguma associação?

Eu tô trabalhando numa delas, que é o Núcleo de Cultura Indígena, do Ailton Krenak. Temos também a Associação dos Povos Xavantes.

Brasília era terra de vocês, não é?

Todo o cerrado. Nossos antepassados conheciam tudo. Eram nômades.

Vocês têm uma cultura de milho muito desenvolvida. Ainda existe milho preto?

Preto, azul-escuro, laranja, amarelo...

Outra coisa que me impressionou quando eu estive com os xavantes foi o artesanato, a maneira de usar os pés da mesma forma que a gente trabalha com as mãos. Vocês aprendem aquilo desde criança? A gente olha nossos pais, nossos tios. Vai vendo como se trança. Quando tem material em excesso, faz também. À medida que você cresce, vai caprichando, e faz esteira, cesta, corda.

Vocês separam homens e mulheres quando chega uma certa idade?

O ritual do povo xavante é praticamente masculino. De sofrer, se destacar, buscar sua formação. Antes de dez anos, é só liberdade. Pode viver no pátio com todo mundo. Depois tem a separação. É a época de formar um grupo. Aí vai haver a reclusão, que é chamada de casa de solteiro. Dentro da casa de solteiro, a gente vive cinco anos. E a mulher?

Nossos pais têm a liberdade de procurar aquele com quem tem mais afinidade: "Minha filha quer se casar com o seu filho." Quando vão nos visitar na casa de solteiro, já falam: "Aquele lá vai ser sua mulher." E o que vocês aprendem na casa de solteiro?

Os mais velhos ensinam a disciplina e as histórias. Como você vê o futuro e a situação do índio hoje no Brasil?

São vários desequilíbrios. Os pataxós, por 500 anos, receberam os portugueses de braços abertos. O que ganharam? Um cantinho de quintal. Sem perceber o que é o Brasil. Isso demonstra a obscuridade, a falsidade. Eu sempre vou batizar o norte de "o país faroeste". E lá tá havendo esse grande desrespeito.

O garimpo?

Garimpo, madeira... Eu concordaria com a derrubada da madeira para enfeitar o Brasil. Mas não. O Brasil é representante dos grandes poderosos sem-vergonha. Destroem o que é o Brasil para enfeitar a casa dos outros, para exportar para a Europa. A mesma coisa com o minério, que poderia estar ajudando o Brasil a progredir. Outra coisa que a gente quer mostrar com esse trabalho no Museu é a questão da hidrovia.

Como é essa questão?

Mais uma vez tá havendo uma grande ameaça de fazer uma hidrovia. Nossa vida vem da água, do Rio das Mortes. Uma hidrovia vai poluir o rio, mexer com a natureza. Essa coisa ridícula para alimentar outro país. Mas vocês estão lutando?

Civilizadamente. A gente tá mexendo no lado das leis, a gente tem advogado, nesse lado da ecologia. Mas por enquanto a gente tá sozinho. O Rio das Mortes está sen-



"Está se discutindo os 500 anos do descobrimento. Mas, no Amazonas, 55 povos ainda não têm contato, não conhecem o que é o Brasil"

Siridiwê, 30 anos, xavante

do ameaçado. Todo mundo viu a beleza na novela *O rei do gado*. Aquele lá é o Rio das Mortes, no Araguaia. Vai ser poluído, destruído, ficar cheio de óleo. E tem mais. Não se pode atravessar território indígena sem licença. Esse talvez seja o maior problema do índio no Brasil. Não ser respeitado como nação. Quantos quilômetros do rio estão dentro da aldeia?

Ele faz limite com a aldeia. São muitos quilômetros. O outro lado também é nosso território, mas é um cemitério. Essa é a maior preocupação do nosso documentário.

Quantos minutos tem?

Quarenta. Mostrando a beleza no passado e o que ainda tem hoje. No Brasil, está se discutindo os 500 anos do descobrimento. Mas, no Amazonas, 55 povos ainda não têm contato, não conhecem o que é o Brasil. Não sabem o que é levar um tiro na cabeça, levar um tombo, o que é este prédio. Será que vai haver sempre isso? Os nossos parentes ianomâmis, que são o grande povo em número, estão morrendo sem conhecer. E o futuro? É saber unir o útil ao agradável. Nós temos esse lado tradicional, que a cidade há muito já perdeu.

E com fazendeiros, vocês ainda têm briga?

Mesmo com a área desmarcada, tem. Eles colocam seu gadinho lá, entram no rio, deixam refrigerante, cerveja, bota. Um desrespeito ao meio ambiente.

Como vocês vêem a ameaça das queimadas?

É educação mesmo. O fazendeiro e o coitado do colono não vêem o que vai acontecer. Para ele, é o gado, o resto não interessa. A primeira coisa é queimar o pasto. Não sabem mexer com fogo. Nós sabemos. Onde vai ser queimado e onde o fogo vai morrer. Mostrem quem é o destruidor. A televisão mostra que o Ibama dá aval para a queima. O fazendeiro também é culpado, mas o Ibama é culpado de dar autorização. Mas vocês têm algum esquema de prevenção?

Não. Vai queimar mesmo. Imagina os bichos lentos, não vão nem correr, vão ser carbonizados. Cadê a consciência, cadê a compreensão? Tem que haver uma pena grande, mas isso não vai acontecer. O Brasil é muito desorganizado. É triste, né?

É.

Aí, depois, se houver alguma coisa bonita, vão dizer que tinha que acontecer. Se houver uma grande chuva, como em Rondônia, cadê o respeito? Todo mundo leva na gozação. Mas na hora da sofisticação, da civilização, tá resolvendo? Tá resolvendo nada. ■

Leia a íntegra e ouça trechos da entrevista no JB Online: <http://www.jb.com.br>